

RELAÇÕES ENTRE A ESCOLA E A FAMÍLIA: A AFETIVIDADE NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

BENFICA, Gabrielle Almeida

Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva – FAIT

NOGUEIRA-SILVA, Ribamar

Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva – FAIT

RESUMO

Esse estudo busca verificar a relação existente entre a dificuldade de aprendizagem das crianças na escola, relacionando a ação dos educadores na busca por soluções destinadas a resolver os problemas enfrentados, enfatizando os relacionamentos ao método pedagógico e o papel das famílias. Com destaque as possibilidades desses dois fatores influenciarem o emocional e o aprendizado das crianças. Conclui-se pela possibilidade de adoção de uma pedagogia afetiva na mediação entre as relações escola e famílias, na superação das dificuldades do processo ensino-aprendizagem.

Palavras-Chave: escola; pedagogia afetiva; ensino-aprendizagem; família.

ABSTRACT

This study searches for the relationship between learning difficulties in children at school, relating the action of educators in the search for solutions to solve the problems faced, emphasizing those related to the pedagogical method and the role of families, highlighting the possibilities these two factors influence the emotional and learning of children. It is concluded by the possibility of adopting an affective pedagogy in the mediation between school and family relationships in overcoming the difficulties of the teaching-learning process.

Keywords: school; affective pedagogy; teaching-learning; family.

1. INTRODUÇÃO

Há muitos tipos de famílias e muitos são os métodos utilizados pelos professores para aplicar conteúdos na sala de aula. Esses fatos, bem como suas estruturas modificadas e reflexões pelos próprios atores da educação, influenciam na questão dessa dificuldade. Aparentemente, para uma melhor observação e conclusão da dificuldade apresentada por determinados alunos, é necessário um estudo da vida da criança desde o nascimento até a fase escolar, em que a família também pode ter grande influência.

É preciso um estudo individual, já que cada criança com dificuldade se difere de outra. Muitas vezes os alunos são penalizados, e responsabilizados pelo fracasso e sofrem punições

ou críticas em relação a isso, mas com o trabalho desenvolvido de forma coerente. Poderá ser a solução do problema ou ao menos amenizá-lo. Não se podem atribuir as dificuldades de aprendizagem, rotulando que seria responsabilidade somente do aluno, como também não se deve apontar culpados.

Considerando que a família ocupa um papel fundamental na aprendizagem dos alunos portanto é importante que essa participação seja efetivamente positiva. Nesse sentido, parte-se da ideia de que o relacionamento professor-aluno, aluno-família, família-escola deve ser analisado para que se possa verificar qual é a situação determinante para a ocorrência das dificuldades apresentadas pelos alunos, que pode ser desde fatos familiares até a prática pedagógica adotada pelo professor. Portanto, as relações citadas podem ser analisadas sob um ponto de vista adequado para que mudanças ocorram e as dificuldades diminuam visivelmente, o que demonstra a importância da temática apresentada para a realização dessa pesquisa.

Em decorrência da relevância das referidas duas instâncias (escola e família) para todo processo do ensino e da aprendizagem, bem como desenvolvimento dos educandos é que se escolheu a temática a ser abordada neste estudo, cujos objetivos envolvem conhecer as possibilidades de integração entre escola e família. Havendo ainda, enquanto justificativa da escolha do tema, a necessidade urgente de sensibilizar os pais e os responsáveis acerca da essencialidade de sua colaboração para todo o processo educacional das crianças, especialmente junto àquelas que apresentam alguma dificuldade de aprendizagem.

Em suma, o estudo aqui apresentado surgiu da necessidade de responder a seguinte questão: Qual a importância da família e da escola na superação das dificuldades decorrente do processo de ensino-aprendizagem dos educandos?

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Define Ferreira (1987) que o método é o caminho por meio do qual é possível atingir os objetivos propostos, portanto, se trata de recurso que exige o detalhamento de todas as técnicas aplicadas às pesquisas. Sendo um caminho sistematizado, que é constituído por etapas, as quais o pesquisador irá percorrer até chegar a uma solução do problema que o move.

Com efeito, para a realização desse estudo, foram levantados dados por meio da revisão da literatura, processo destinado à busca, a análise e a descrição do conhecimento acerca da temática abordada, na busca de trazer respostas por meio da pesquisa realizada em

livros, artigos de periódicos, registros históricos, legislações, relatórios governamentais, teses, dissertações, entre outros. Foram utilizados os bancos de dados disponibilizados pela Scielo e Google Acadêmico.

Enquanto método utilizou-se o qualitativo a partir do qual se busca verbalizar a realidade acerca do tema, recebendo os dados coletados tratamento interpretativo, havendo uma abordagem mais reflexiva. Assim, não se buscou um esgotamento das fontes existentes destinadas a prestar informações sobre a temática abordada.

2.1. O papel da escola e a prática docente

A ciência pedagógica contribui muito para explicar a causa da dificuldade de aprendizagem, pois o seu objeto central de estudo é o processo humano de aquisição de qualquer conhecimento, bem como seus padrões evolutivos, dentro daquilo que é aceito como norma, e as patologias, como a influência do meio, a família, a escola, e a sociedade no seu desenvolvimento. Partindo de uma visão interdisciplinar, alguns profissionais da Pedagogia observaram que o fracasso escolar deixou de ser algo patológico, isto é, deixou de ser tratado como “doença” (LIBÂNEO, 2002).

Segundo Santos (2015), quando uma criança com dificuldades de aprendizagem é encaminhada a um profissional especializado, como um psicólogo ou psicopedagogo, tem-se a impressão de que o que leva a criança ao fracasso e as dificuldades de aprendizagem está associado a alguns problemas genéticos e físicos. A Pedagogia, especificamente, por contar com a contribuição de várias áreas do conhecimento – Psicologia, Sociologia, Antropologia, Linguística, Neuropsicologia e outras ciências assume o papel de desmistificadora das dificuldades de aprendizagem e conseqüentemente do fracasso escolar, pois possibilita perceber o erro da criança como um processo de construção do seu conhecimento e as interações sociais como fator importante no desenvolvimento das habilidades cognitivas.

O professor, no limite, teria o papel específico de encaminhar a criança que precisa de uma avaliação mais apurada da dificuldade escolar para os psicólogos e ou psicopedagogos. Por sua vez, tais especialistas normalmente encontram muitas resistências, devido principalmente as omissões de dados necessários para a composição do diagnóstico do sujeito que não consegue aprender. A história pessoal do educando, o que ele representa na e para a família, o conhecimento da vida pessoal do indivíduo, como age diante de muita ansiedade e

medo do desconhecido, fazem parte do trabalho de investigação do caso de cada criança e estas são informações que nunca podem ou devem ser omitidas, quando se sujeita a uma avaliação para que o diagnóstico sobre o fracasso seja mais preciso (POTTKER; LEONARDO, 2014).

Para se chegar a um resultado mais preciso, o professor necessita considerar os outros sistemas, a escola, professores antigos e até ele mesmo, como um norte para reflexão e a família, que também sempre interfere, positiva ou negativamente, no processo de aprendizagem. No que se diz respeito à escola, pode-se avaliar a forma como esta é organizada, inclusive a sua estruturação hierárquica, sua estrutura funcional, sua orientação de trabalho, os conflitos internos e o seu projeto pedagógico.

Scoz (1996) diz que professores devem estar sempre observando sua prática docente a forma de circulação do conhecimento utilizada, o comprometimento com o trabalho, o zelo pelo aluno e pela aprendizagem, as transferências realizadas durante a interação com cada estudante, o estímulo que é capaz de provocar ao apresentar seu saber, a formação que possui, que o habilita a identificar as dificuldades dos alunos, partindo da interpretação dos processos mentais, mediante as respostas que os alunos dão a algumas questões e a conduta pedagógica, isto é, se o profissional respeita ou não o conhecimento trazido pelo aluno.

E ainda, segundo o referido autor, essas pontuações feitas na observação familiar são a função social e as funções de cada elemento da família, as formas de circulação do conhecimento, as normas que regulamentam as ações de cada membro, as resistências que realmente existem, a identidade dessa família, seus valores, crenças, ideologias e as expectativas e conflitos. Portanto, é preciso realizar uma atuação preventiva junto às escolas na busca da identificação antecipada de indivíduos com dificuldade de aprendizagem.

Nepomuceno (2010) define que no registro da vida escolar da criança, o professor, através de discussões e aplicação de atividades lúdicas, contribui para o esclarecimento de algumas dificuldades escolares que a criança pode apresentar e que podem ser decorrentes da organização administrativa do sistema escolar e familiar e das relações professor e aluno. Ou ainda, das exigências pedagógicas inadequadas, tanto quanto das expectativas familiares, das formas de aquisição, transformação e circulação do conhecimento da família e das variadas modalidades de aprendizagem. É importante notar que, geralmente, essas expectativas são passadas de geração para geração, fazendo a determinação de como serão as relações do educando com os saberes do cotidiano, isto é, o que se aprende com experiências próprias, levando em consideração as crenças, os mitos e as mensagens repassadas na comunicação familiar.

A escola como parte da sociedade, no cumprimento da sua função social, deverá desenvolver junto com sua clientela, que normalmente nela confiam, a sua formação, competências e habilidades para prepará-los para agir conforme as exigências da atualidade. Ficar distante dessa realidade não é tão simples possível, portanto, todos os profissionais da educação sentem a precisão de se fazer uma reflexão acerca de suas ações pedagógicas em relação a conhecer e reconhecer a importância do educando no processo ensino-aprendizagem, a entender o que pode facilitar ou impedir que se aprenda. Essa reflexão faz com que esses profissionais busquem as causas dos fracassos escolares e resgatem o prazer de aprender numa visão multidisciplinar, podendo orientar as instituições escolares e atender a pais e alunos na perspectiva de transformar as relações com o aprendizado (GOMES, 2014).

Segundo Libâneo (2002), com a modernidade, os indivíduos se veem diante de mudanças diárias e em meio a um constante fluxo de informações. A estimulação é contínua e normalmente ocorre por meio de sons e imagens, a perceber um mundo plural, colorido, virtual, interligado. Não se pode mais ignorar a TV, o videogame, o cinema, o computador e seus similares como notebooks aparelhos celulares, que são veículos de informação, de comunicação, de aprendizagem. Os alunos entram nas salas de aula, trazendo informações de um mundo letrado, onde o que aprenderam até o momento foi através dos sons, das cores, das imagens, dos filmes e programas televisivos, muito distantes do espaço monótono que a escola costuma lhes oferecer.

Ainda de acordo com o referido autor, diante disso, faz-se emergente transformar a relação que se estabelece entre o que se vivencia e a maneira de aprender. Não basta mais ter informações a respeito de um determinado assunto, resolver os problemas de alguma maneira fazendo uso de um determinado procedimento. O sujeito atual precisa buscar informações, saber selecioná-las e analisá-las e verificar as possibilidades que elas oferecem para solucionar alguma situação adotando postura criativa diante de sua escolha.

Para que os profissionais da educação optem com coerência diante das solicitações cotidianas, é preciso estar revendo e aprendendo sobre sua prática pedagógica e sobre os ambientes, as pessoas, as relações entre os seres humanos, os diversos saberes, para que estejam aptos a fazer leitura de situações e cenários e redimensionar suas atitudes na perspectiva de interferir de forma significativa no real e também a fazer com que seus alunos tenham a mesma percepção. Entretanto, diante da necessidade de aprender, há a dificuldade de aprender, que vêm associadas a sentimentos fortes de incapacidade, sensações de angústia e baixa autoestima (GOMES, 2014).

Muitos professores e pais, ao lidarem com crianças com dificuldade de aprendizagem, aumentam a preocupação por entenderem a importância da aprendizagem em relação aos rumos que a sociedade está tomando, isto é, sabendo-se que há exigência da vida cotidiana e também do mercado de trabalho, os pais se preocupam demasiadamente com o futuro dos filhos em relação a amizades, profissão futura, entre outros fatores. Em constante busca por uma explicação do surgimento das dificuldades, Libâneo (2002) afirma que variadas vezes professores creditam a dificuldade de aprender como decorrente da desatenção, da inquietação, da desmotivação do mundo tão informatizado. Separam, pois, a vida dos seus alunos da vida familiar e esquecem que os alunos trazem consigo uma bagagem de informação que precisa ser organizada, reorganizada, explicada, interpretada, compreendida e transformada em conhecimento no ambiente da sala de aula e escolar.

Supõe-se que atitudes de desatenção, de inquietação, de desmotivação acontecem porque os conteúdos que a escola passa ao aluno, através do professor, não são articulados com o que o aluno conhece, isto é, o conhecimento da escola não está de acordo com a realidade, é apenas um dado a mais para armazenar. Então, acontece a resistência, ao aprender algo que não tem significado. Os pais e a família de forma geral, inúmeras vezes afrontados pelo não aprender de seus filhos, buscam alternativas variadas e contratam psicólogos, professores particulares, após terem seguido o caminho dos médicos, na tentativa de identificar a causa do fracasso escolar.

No entanto, de acordo com Di Santo (2010), o que se constata em escolas, seja em conversas informais ou até formais, com pais ou responsáveis que possuem filhos com dificuldades, é que há um desconhecimento deste pai em relação ao filho. Os pais normalmente não percebem ou não tem interesse para como seus filhos aprendem ou transformam algum conhecimento, como se organizam para estudar determinado conteúdo e nem como lidam com seus anseios, medos, angústias. A maioria não dialoga com seus filhos, apenas questiona a razão do baixo resultado e ainda por muitas vezes se recusam a comparecer às escolas nas reuniões bimestrais, sempre alegando que somente ouvem sermões e que a obrigação de transmitir e ensinar conteúdos, criar situações de aprendizagem é da escola e seus professores.

Conforme afirma Carnoy (2009), quando se analisam os fatores orgânicos, os cognitivos, os afetivos, os sociais, os pedagógicos e os percebidos dentro das articulações sociais e educacionais, num enfoque multidimensional, pode-se conceber a real causa das dificuldades de aprendizado. No entanto, quando a criança faz parte de uma família coesa, participante da vida acadêmica dos filhos e que apresenta grandes expectativas em relação a

seus filhos, essas crianças aprendem com mais facilidade e têm mais expectativas sobre si mesmas. Diante disso é importante que a família participe de forma geral da vida da criança contribuindo assim para o seu pleno desenvolvimento.

Para que se cumpra com o papel de mediador na aquisição e na transformação do conhecimento, conforme a quantidade de informações e o grau de compreensão que o aluno é capaz, estruturalmente, o professor precisa agir “psicopedagogicamente”. Ou seja, de acordo com Scoz (1996), o professor deve cumprir seu papel de facilitador na aquisição de informações como mediador do processo ensino-aprendizagem, conduzindo a aquisição de ideologias e conteúdos libertadores.

Scoz (1996) define ainda que se fazendo uso da observação, educando o olhar na perspectiva do outro, adotando a escuta como um meio de perceber e conhecer o outro e fazendo reflexão sobre a prática pedagógica, buscando com outros profissionais a resposta para algumas questões, bem como resgatando o seu aluno, conduzindo-o ao prazer de conhecer e aprender, são ações que poderão ser implementadas pelos professores. Bem como, afirma que quando o professor interage com os alunos, pode observar se há alguma alteração visual, auditiva e motora que modifiquem a forma de perceber as coisas.

Nesse sentido, através de uma relação dialógica, é possível entender como se estrutura o pensamento do sujeito que está aprendendo ou não, bem como quais as suas habilidades, interesses, valores e vínculos; que medos, conflitos, defesas, ansiedade está vivenciando; como se relaciona com o saber anterior e o novo e qual o seu modelo de aprendizagem, seu método. O significado, a razão de aprender para ele e para sua família, como cada um valoriza a escola e que expectativas têm em relação ao trabalho desenvolvido na instituição, também são dados que o professor poderia obter para organizar seu trabalho visando a favorecer a aprendizagem.

Segundo Sawrey e Telford (1976) o professor pode manter em mente que a criança não é um indivíduo isolado, mas membro de um grupo que tem identificações e lealdades que influenciam seus credos, suas atitudes, suas ações e necessidades próprias. Por meio de leituras, diálogo e debates entre professores e profissionais da área da saúde (psicólogos e médicos especializados como neurologistas, por exemplo) podem surgir oportunidades importantes para que professores e profissionais da educação de forma geral conheçam mais sobre como acontece e como pode ser uma contribuição adequada para o desenvolvimento cognitivo dos alunos.

Quando o professor refletir sobre os seus planejamentos, deve antes organiza-los considerando as vivências, os conhecimentos e as informações que os alunos carregam para

optar por uma forma prática metodológica auxiliadora no ensino do conteúdo sistematizado e científico e promover uma aprendizagem significativa. O professor também deverá se preocupar com a autoavaliação, que é uma prática humana e justa, formativa e reflexiva, encorajadora, para que alunos encarem os seus resultados, suas falhas e continuem prosseguindo em busca do conhecimento sem medo de fracassarem, de errarem e de crescerem. O erro é essencial e faz parte do processo. Ninguém aprende sem errar. O ser humano tem intrínseco ao saber-pensar e a capacidade de avaliar e refinar, por acerto ou ainda pelo erro, até chegar a uma aproximação final (DEMO, 2003).

De acordo com essa perspectiva os professores conseguem se situar como elementos transformadores da sociedade e contribuidores na formação de cidadãos mais comprometidos com o seu mundo, para que se sintam induzidos a estarem constantemente estudando e aprendendo de forma prazerosa. Com a reflexão do professor acerca do trabalho pedagógico, bem como das variadas formas de trabalhar a criança, é preciso que se tenha noção dos pensamentos da escola e da família no que diz respeito ao contexto família, escola e dificuldades de aprendizagem.

Com efeito, as famílias possivelmente têm função destinada a complementar toda a formação dos indivíduos, já que são diretamente responsáveis por eles. No entanto, teria a escola uma função de fornecer aos mesmos sua educação formal, portanto, ambas devem ser compreendidas como co-responsáveis pela formação afetiva quanto pela personalidade cognitiva junto às crianças e aos adolescentes.

Se as famílias têm tanta responsabilidade diante da educação dos educandos quanto às escolas, faz-se essencial que as mesmas mantenham uma parceria e relação capaz de realizar uma educação com qualidade. As trocas de ideias de educadores e dos parentes poderão levar às soluções bem mais propícias e rápidas aos mais diversos problemas que são enfrentados pelos educandos, pois como define Tiba (2002, p. 3), “[...] quando a escola, o pai e a mãe falam a mesma língua e têm valores semelhantes, a criança aprende sem conflitos e não quer jogar a escola os pais e vice-versa”.

2.2. O papel da família no processo ensino-aprendizagem

Partindo desses pressupostos, e observando os fenômenos que interferem nesta realidade, na sequência serão apresentados elementos que podem ajudar na compreensão das interferências que as relações familiares produzem no âmbito escolar e no processo de aprendizagem dos alunos.

Aparentemente, essas dificuldades decorrem principalmente de quando a criança não assimila o conteúdo trabalhado na escola. Ainda mais quando tal conteúdo se mostra desconectado da realidade em que a criança vive. E em muitos casos, de acordo com essa definição, os profissionais da educação ou mesmo seus pais, rotulam as crianças como se elas não fossem capazes de aprender.

Isso sugere que tanto a família quanto a escola desempenham papéis que são decisivos para a educação das crianças. Entretanto, em busca de que seja satisfatória a educação que proporcionada no lar, pelas famílias, parece essencial que haja entre estas e a escola uma integração, já que a partir da referida parceria, as crianças se tornarão adultos capazes de contribuir de forma positiva na construção duma sociedade mais equitativa, portanto, mais justa.

O senso comum indica que grande parte dos pais entende a escola como uma continuação de seus lares, e assim cobram da mesma, o que seria exclusivamente sua função, momento no qual acontecem alguns confrontos cotidianos entre a família e a instituição de ensino. Talvez isso se justifique, já que a partir do início da vida escolar dos filhos na escola, são os valores dos sistemas familiares que são expostos e colocados à prova.

A experiência sugere que com as mudanças contínuas na estrutura das famílias modernas, os pais e as mães, têm apresentado algumas atitudes não tão colaborativas no âmbito da educação dos seus filhos. Diferentemente, mesmo estando vivendo em outro tempo histórico, as relações humanas responsáveis pela constituição das raízes de toda a formação inerente ao caráter ainda estariam presentes na instituição familiar. Assim, os filhos continuariam precisando dos pais, já que a relação afetiva que estes mantêm desde que nascem permite que eles adquiram padrões essenciais ao seu desenvolvimento. Conseqüentemente, as crianças precisam de disciplina, de direção, de apoio e de ânimo para amadurecer, crescer e assim tornarem-se sujeitos mais independentes de suas famílias, ou seja, adultos autônomos.

Através desse questionamento, supõe-se a possibilidade de percepção das diferenças no rendimento das crianças a partir: a) da função que a família determina no desempenho escolar; b) das suas expectativas sobre o desenvolvimento dos filhos dentro da carreira acadêmica da escola, da sociedade que os rodeia, do emprego, da falta de oportunidade para os alunos de baixa renda entre outros pontos.

A família teria o papel socializador do conhecimento e das relações. Ela precisaria promover um espaço educativo propício aos riscos de acertar e errar, de levantar hipóteses, de discorrer o pensamento, enfim um espaço de aprendizagem.

2.3. Escola, família e afetividade no processo ensino-aprendizagem

A escola é uma instituição domínio coletivo, dos grupos, das trocas, e a família é do domínio do mais reservado do particular e do específico. A afetividade é construída a partir da qualidade das relações que os alunos têm o que é determinante para a construção da personalidade. À medida que a criança vai crescendo e se desenvolvendo ela vai ampliando a capacidade relacional e afetiva. A afetividade se manifesta através das emoções e dos sentimentos.

Se o ser humano precisa de afeto, nesse sentido, não será diferente nas salas de aula, pois as relações estabelecidas, entre os professores e os alunos, requerem de fato que haja a presença da afetividade. Quanto aos professores, a utilização da prática pedagógica pautada na afetividade poderá estimular não somente as relações afetivas, como também as questões cognitivas e sociais dos alunos.

Por isso se destaca a possibilidade de uma pedagogia afetiva se tratar de um norte a ser seguido em todo cotidiano das salas de aula, em uma busca constante pela demonstração de afeto, dedicação, empatia, respeito, sensibilidade, e especialmente de compromisso com quem e com aquilo que se faz. Assim, se pode definir que haverá uma melhor receptividade por parte dos alunos no absorver e aprender aquilo que se está transmitindo enquanto educador, pois, quando se transmite e adquire essa confiança a mesma passa a ser mútua. Para a existência de relacionamentos interpessoais bons se faz necessário construir afetividade, já que a mesma pode contribuir de maneira significativa para que todos os envolvidos sintam vontade em se relacionar.

Como em qualquer relacionamento, o que é estabelecido entre o educador e o aluno precisa estar fundamentado na afetividade, bem como, há de se desejar a possibilidade de vivenciar toda realidade inerente ao cotidiano escolar. Portanto, deve a escola:

Propiciar um ambiente favorável à aprendizagem em que sejam trabalhados a autoestima, a confiança, o respeito mútuo, a valorização do aluno sem contudo esquecermos da importância de um ambiente desafiador, [...] mas que mantenha um nível aceitável de tensões e cobranças, são algumas das situações que devem ser pensadas e avaliadas pelos educadores na condução do seu trabalho. (MARTINELLI, 2005, p. 116)

As instituições escolares juntamente aos professores deverão propiciar um ambiente de confiança e agradável, desde que se iniciam as aulas, no momento da formação das turmas,

bem como no convívio de toda a rotina escolar, em busca de melhor o desenvolvimento de todo o processo de aprendizagem dos educandos. Segundo Saltini (2008, p. 69), não pode ser o educador “[...] aquele que fala horas a fio a seus alunos, mas aquele que estabelece uma relação e um diálogo íntimo com ele, bem como uma afetividade que busca mobilizar sua energia interna. É aquele que acredita que o aluno tem essa capacidade de gerar ideias e colocá-las ao serviço da sua própria vida”.

Nesse sentido, não há um conhecimento que seja puramente cognitivo ou puramente afetivo. Já que o mesmo é produzido pelos seres humanos, que se trata de um “[...] ser de racionalidade e de afetividade. Nenhuma dessas características é superior a outra. É sempre um sujeito que constrói categorias de pensamento através de suas experiências com o outro, num determinado contexto, num determinado momento” (GADOTTI, 2007, p. 57).

Para Wallon (2003), toda evolução afetiva se encontra intrinsecamente ligada ao desenvolvimento cognitivo do sujeito, tendo em vista o fato de que difere acerca da forma como se apresenta nas crianças e no adulto, e se supõe a partir desse fato que haja a incorporação das construções da inteligência por estas, seguindo todas as tendências que as mesmas possuem para racionalizae-se Assim, é possível refletir sobre a

[...] realidade escolar atual, considerando a diversidade das crianças, bem como as múltiplas formas de se integrar ações com afeto no âmbito escolar. Ações essas, que sejam capazes de possibilitar a emoção do prazer na realização das tarefas pedagógicas que são propostas e praticadas, lado a lado com o educador, numa forma de integração. (BERNARDO, 2016, p. 06)

Resta evidente que deve o professor manter sempre um diálogo moldado pela afetividade com seus alunos, para que possa assim compreendê-los e se necessário moldar por meio do diálogo estes com destino a uma vida preenchida por valores e princípios, especialmente na atualidade que vem sendo marcada pelo individualismo. Isto porque, supõe-se, deverá a postura dos professores influenciar de maneira positiva seus alunos, realçando seus pontos fortes e despertando nos mesmos o desejo em aprender, em adquirir virtudes e valores, proporcionando a potencialização das chances destes em transformarem-se em cidadãos críticos, conscientes e que possa exercer sua cidadania de maneira participativa.

Para que se possa educar um ser humano é fundamental conhecer este profundamente e ainda respeitar o desenvolvimento dele. Faz-se necessário a percepção mais correta acerca de como ele se desenvolve, isto é, além de se compreender as crianças, faz-se necessário

muita paciência em alcançar as aprendizagens de cada um dos educandos que ocorrem individualmente, em todas as fases do desenvolvimento deles. E os educadores somente alcancem isso ao trabalhar com muita sensibilidade afetiva (RUFINO, 2014).

No decorrer de toda a prática educativa existem inúmeros desafios para serem superados. Porém, a afetividade se trata de uma importante aliada dos educadores em alcançar a aprendizagem dos alunos. Através de uma relação afetiva construída entre o educador e os educandos, entende-se que são formulados e aprendidos valores humanos capazes de refletir no decorrer da vida dos alunos. Nesse sentido, eles poderão esquecer as fórmulas destinadas à resolução de algum problema matemático, mas nunca esquecerão as fórmulas desses valores de vida.

Apesar de todas as dificuldades, afirma Cury (2003, p. 65), que os educadores “[...] são insubstituíveis, porque a gentileza, a solidariedade, a tolerância, a inclusão, os sentimentos altruístas, enfim todas as áreas da sensibilidade não podem ser ensinadas por máquinas, e sim por seres humanos”. Uma pedagogia afetiva se trata de uma importante linha a ser seguida pelos educadores, já que as emoções e os sentimentos dos alunos devem ser considerados, pois estariam ligados diretamente a todo o desenvolvimento cognitivo dos alunos, influenciando a aprendizagem cotidiana escolar deles.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação família x escola, pode partir de um olhar objetivo dizer que a solução imediata depende do desejo real de entendimento e harmonização de ambas as partes. Por parte dos pais constitui saber priorizar o que é essencial para que os filhos caminhem em direção ao saber e a socialização. Pela escola compreende o oferecimento de estratégias eficazes de ensino, avaliação e recuperação. A presença dos pais na escola, trabalhando adequadamente, traz enfoques de grande valia para o processo pedagógico.

É fundamental que a credibilidade da agência educadora seja mantida para o bem dos nossos jovens e da sociedade como um todo. O que organiza as relações são os limites e as fronteiras relacionais que são estabelecidas entre as pessoas. Portanto, é necessário prestar atenção em como são estabelecidas as mesmas.

Acreditar que as dificuldades de aprendizagem, apresentadas pelos alunos são de responsabilidade exclusiva do aluno, ou da família, ou somente da escola é, uma atitude ingênua diante da grandiosidade que é a complexidade do aprender. Hoje, sabe-se que a

escola, o professor e a família, têm responsabilidades e funções em relação à educação da criança. O que está acontecendo é que ultimamente algumas novas exigências que são impostas ao sistema de ensino, no que diz respeito à qualidade de educação, em todos os níveis de ensino e em especial em relação ao perfil do cidadão que a escola quer formar. Exige-se que seja criativo e capaz de solucionar problemas, de se adaptar às mudanças do processo produtivo e ainda de gerar e selecionar e interpretar informações.

Então a reflexão do professor e de outros profissionais da educação perante a didática aplicada contribui no processo de aprendizagem. No entanto, deve haver uma prática docente em parceria onde todos devem voltar o “olhar” e a “escuta” para o sujeito da aprendizagem, que é o educando. Não há como se refletir sobre o trabalho pedagógico e buscar continuamente agregar valores a formação, ressignificar os conteúdos e adotar novas posturas avaliativas, se não conhecer o indivíduo que se educa e a grande responsabilidade que é a de participar da sua formação.

A educação deve ter um novo olhar sobre a formação do aluno, centrado principalmente na qualidade de ensino e no sucesso da aprendizagem e diante disso compreende-se que o papel do professor ou educador deve fortalecer os educandos, ensiná-los a tomar decisões, a entender suas ações e comportamentos e ajudá-los a desenvolver estratégias para se tornarem pessoas de bem para saberem lidar com diferentes situações do dia a dia fora do ambiente escolar.

Em relação à família, é de extrema importância que se tenha a percepção de ajudar a criança nos primeiros anos oferecendo-lhes amor, carinho, proteção e fazendo com que elas possam vivenciar suas experiências e descobertas de forma sadia e prazerosa com valores morais e éticos relacionados ao meio em que estiver inserida.

4. REFERÊNCIAS

BERNARDO, M. M. de S. A importância da pedagogia da afetividade no processo de alfabetização de crianças do Ensino Fundamental. Artigo (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Luís Gomes, 2016. 28 p. Disponível em: <https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/2630/6/AImport%C3%A2nciaDaPedagogiaDaAfetividade_Artigo_2016.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2020.

CARNOY, M. **A vantagem acadêmica de Cuba**: porque seus alunos vão melhor na escola. São Paulo: Ediouro, 2009.

CURY, Augusto. **Pais Brilhantes, Professores Fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

DI SANTO, J. M. R. **Família e escola: uma relação que se completa.** São Paulo- SP. 17 de agosto de /2010. Disponível em: <<http://neomaster.com.br/pais/pro-msjoana-maria-r-di-santo>> Acesso em: 06 out. 2019.

FERREIRA, J. **O que é pós-moderno.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

GADOTTI, Moacir. **A escola e o professor:** Paulo Freire e a paixão de ensinar. – 1. ed. Publisher Brasil. São Paulo, 2007.

GOMES, A. de O. C. A função social da escola: uma análise das significações constituídas pelos gestores, professores, pais e alunos de uma escola pública paulista. Tese (Doutorado em Educação). PUC-SP. São Paulo: 2014. 525 p. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/16164/1/Alessandra%20de%20Oliveira%20Capuchinho%20Gomes.pdf>>. Acesso em: 22 ago 2021.

LIBÂNIO, J.C. **Adeus Professor, Adeus Professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 2002.

NEPOMUCENO C. P; BRIDI, J. C. A. O papel da escola e dos professores na educação de crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem. **Revista Eletrônica de Ciências da Educação**, v. 9, n. 1, P. 25-39. Campo Largo: jul. de 2010. Disponível em: <<file:///C:/Users/Sonia%20Mara%20Velasco/Downloads/1273-4052-1-PB.pdf>>. Acesso em: 22 ago 2020.

POTTKER, C. A.; LEONARDO, N. S. T. Professor-psicopedagogo: o que este profissional faz na escola. **Psicol. Esc. Educ.**, vol.18, nº.2, p. 219-227, Maringá May/Aug. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pee/v18n2/1413-8557-pee-18-02-0219.pdf>>. Acesso em: 22 ago 2020.

RUFINO, E. A. A importância da Afetividade no processo de ensino/aprendizagem. Projeto de Ensino (Graduação em Pedagogia). Universidade Norte do Paraná. Ipatinga, 2014. 25 p. Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/a_importancia_da_afetividade_no_processo_ensino_aprendizagem.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2020.

SALTINI, Cláudio J. P. **Afetividade e Inteligência.** Rio de Janeiro: Wak, 2008.

SANTOS, E. T. **Fracasso Escolar:** Diagnóstico Psicopedagógico. Psicologando, 2015. Disponível em:< <https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-escolar/fracasso-escolar-diagnostico-psicopedagogico>>. Acesso em: 22 ago. 2021.

SAWREY, J. M.; TELFORD, C. W. **Psicologia Educacional.** Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1976.

SCOZ, B. **Psicopedagogia e Realidade Escolar.** Campinas: Vozes, 1996.

SOUZA, S. E. **O uso de recursos didáticos no ensino escolar.** I Encontro de Pesquisa em Educação. Arq. Mudi, 11 (Supl.2), p. 104, 2007.

TIBA, I. **Quem ama, educa.** 2ª ed. São Paulo: Gente, 2002.

WALLON, Henri. **Ciclo da Aprendizagem:** Revista Escola, ed. 160, Fundação Victor Civita, São Paulo, 2003.